

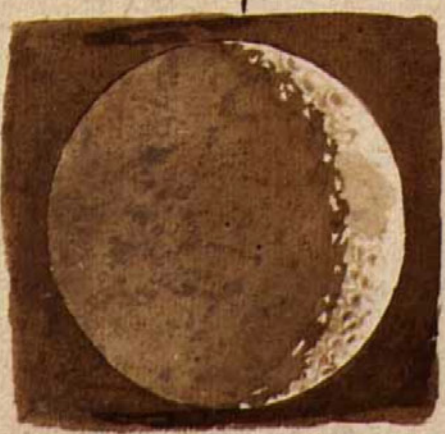
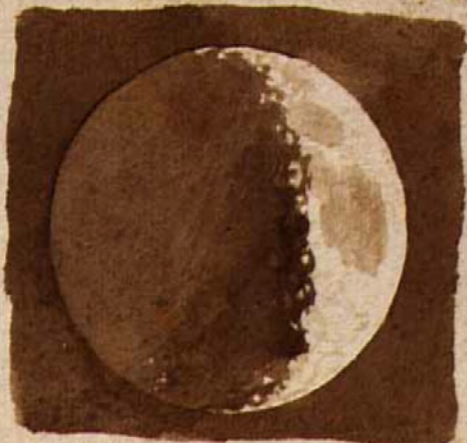
178

Adi 7. di Gennaio 1610

30

Giove si vedeva col Cannone ed  
3. stelle fisse coti \*<sup>o</sup> delle quali se il cannone  
meno si vedeva. <sup>opi: \*</sup> a di d. affarina coti \*<sup>o</sup> + \* era dug

2,8



ciò è d-  
vicina  
l'altra  
te tre  
che  
bini ad  
ella  
ntan  
era  
pi era  
mitata  
a Giove  
\*<sup>o</sup> \*<sup>o</sup> \*<sup>o</sup>  
cedetali  
tabilno  
ano come  
ro  
ide l'ist  
no sono  
a  
stij  
era di  
no fac  
mo  
che più

GALILEU GALILEI  
"Fases da Lua", 1616

# CIÊNCIA, BIOLOGIA E EDUCAÇÃO\*

ANTÓNIO COUTINHO\*\*

SCIENCE, BIOLOGY AND EDUCATION

\* Discurso do Professor António Coutinho, proferido quando do recebimento do título de Doutor Honoris Causa na UFMG.

\*\* Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa (Portugal)

E-mail: [coutinho@igc.gulbenkian.pt](mailto:coutinho@igc.gulbenkian.pt)

Recebido em 19/06/2014. Aprovado em 21/10/2014.

Belo Horizonte, aos 7 de março de 2014.

Sobre Ciência e o como fazer, aprendi tudo dos meus mestres, Göran Möller e Niels Jerne; aprendi exatamente as mesmas coisas duas vezes, para não me esquecer nunca mais. Com Tomaz Mota-Santos e Nelson Vaz, o meu caminho já é longo; e muito ganhei em sapiência e bondade com os repetidos exemplos que eles me deram. Bem hajam.

## *Ciência e Biologia*

Quando já nada se inventa sem se saber muito, quando toda a tecnologia é de base científica, e a inovação tecnológica é o motor das economias, ouvimos com frequência defenderem-se os investimentos em Ciência, porque nela se encontra a raiz e a fonte de todo o progresso socioeconômico. Seja. Mas não nos esqueçamos nunca da frase do matemático alemão Carl Gustav Jacob Jacobi, numa carta escrita em francês ao seu colega Adrien-Marie Legendre, que Jean Dieudonné trouxe para a “cultura geral”, sobre as confusões de Joseph Fourier, também ele matemático: **“Le but unique de la science est l’honneur de l’esprit humain”.**

A Ciência é a filha diletta da racionalidade, e ambas representam o que de mais nobremente humano é segregado por nosso cérebro: o desejo insaciável de compreender, de compreender o mundo e a nós próprios, de descobrir as origens e a evolução de tudo, de derivar racionalmente as leis naturais que tudo regem e explicam tudo. A racionalidade é o que nos faz humanos, “a diferença que faz a diferença”, a dama que tanto defendemos, cavaleiros-andantes da Ciência. Nobreza do espírito humano que também se manifesta nesse enorme otimismo, na confiança “ilimitada” na pertinência dos objetivos e na qualidade das abordagens, única via de acesso ao progresso civilizacional, raiz do comprometimento radical com tudo o resto.

Ou não fosse Giordano Bruno um dos fundadores da Ciência moderna. Em 1600, Bruno morreu “arso vivo a Roma per volonta del Papa”, por ter recusado a abandonar a sua convicção de que o universo é infinito. Como exemplo oposto, Galileo Galilei



enfrentou uma situação semelhante uns 30 anos mais tarde, mas aceitou retratar-se do que tinha publicado e envelheceu em paz. A meu ver, Bruno e a sua “*Libertas philosophica*” representam o elo mais forte entre o espírito científico, como ele fora inventado pelos Jônicos, e o que então reemergia com as liberdades do humanismo renascentista. Incomprometimento radical com dogmas, inquisições e fundamentalismos, com poderes políticos, financeiros e sociais; honra desse espírito incomprometido, frágil e pequeníssimo face ao infinito. Giordano defendeu com a vida a honra desse espírito, como Jacobi resistia aos avanços do irracionalismo dos românticos. Tal como o movimento “romântico” opôs o seu obscurantismo sensacionista e bucólico ao iluminismo libertador, também os “novos românticos”, pós-modernos na sua frequente ignorância, no seu “vai-tudismo” metodológico e na sua raiz ideológica, opõem-se agora ao “progresso”, que seria o caminho seguro para uma morte certa e coletiva.

Torpes ataques à racionalidade, à Ciência e ao Homem. Se todo o progresso deriva da inovação, da tecnologia e da ciência, o futuro do mundo joga-se hoje, mais uma vez, nessa oposição fundamental entre a propaganda do obscurantismo romântico, reacionário, medroso e malthusiano, contra o respeito pela racionalidade, contra o invencível otimismo da esperança na Ciência e no espírito humano. E já perdemos muito tempo, porque a noite secular nunca deixou de pairar, ameaçadora, sobre o mundo livre. Porque estes valores da Ciência – o direito à dúvida, à especulação e à divergência de opinião, por mais radicais, são exatamente os mesmos da democracia. Como Lewis Wolpert sublinhou, não por acaso Ciência e democracia tiveram uma origem única e comum no tempo e no espaço, e não é por acaso que nas boas escolas de Ciência se ensinam, antes de tudo, os mandamentos do Decálogo Liberal de Bertrand Russel: “Do not feel absolutely certain of anything”; “Have no respect for the authority of others, for there are always contrary authorities to be found”; “Do not fear to be eccentric in opinion, for every opinion now accepted was once eccentric”.

Imagino a satisfação do velho Thales ao ter constatado que o “amor ao conhecimento” não existe sem o amor à dúvida e sem o direito ao erro. Por essas razões e com essas origens, a Ciência é a grande escola de tolerância, a melhor arma contra todos os fundamentalismos. Nós cientistas não podemos hesitar em reclamar o privilégio de praticar tais direitos, que estão evidentemente vedados a tantos outros na sociedade, tais como cirurgiões, engenheiros e pilotos de linha.

A Biologia ensina-nos que a diversidade não finalista é a nossa grande riqueza, a resposta que se antecipa a todos os problemas, a solução do futuro, qualquer que seja ele. Donde o meu desencanto com a monotonia e a esterilidade de todos os uniformismos, a minha oposição a todas as soluções únicas, segregadas pelo poder em cabeças iluminadas, com policiamento garantido na sua aplicação; donde o meu desrespeito por todas as regras impessoais e cegas a tudo o que cada situação tem de distinto, único e irrepetível; donde a minha profunda convicção da importância da partilha de princípios, em escolas, organizações e sociedades: quando os princípios são fortes e comuns, nenhuma regra é necessária, todos mandam por igual, e os burocratas são inúteis. O respeito pelos indivíduos encontra aqui, no amor à diversidade, a sua verdadeira raiz, sem a lamechice do “amor ao próximo”. Mas é também no amor à diversidade que ganhamos a esperança indefectível que as soluções irão aparecendo, umas melhores que outras, todas pedras no caminho que se vai fazendo na história, “que se vai fazendo ao andar”, como no verso de Machado, “sem destino nem acaso”, como tão bem dizem os orientais. Que bom seria que os políticos aprendessem Biologia e assim entendessem Evolução, se apercebessem da sabedoria que se pode derivar da oposição entre a evolução da vida – lenta, de milhares de milhões de anos, irredutivelmente não finalista, mas inexorável – e a evolução “cultural”, esta rapidíssima e prenhe de objetivos, mas sem qualquer substrato de irreversibilidade; da sabedoria que se pode recolher ao descobrir a tensão permanente entre o risco do erro (que as mutações são quase sempre deletérias) e a sua absoluta necessidade para que a Evolução se faça, para que avance até novas formas mais interessantes de ser vivo; ou seja, a sabedoria do caminho estreito entre o risco da novidade e a morte do imobilismo. Que bom seria que os políticos compreendessem que a diversidade não finalista tem sido, desde há uns 3.500 milhões de anos, a solução de todos os futuros, por mais imprevisíveis, muito ao contrário das suas soluções finalistas que resolvem apenas aquele limitado futuro que eles hoje conseguem imaginar.

É esse amor à Vida que nos anima, um bem preciosíssimo e único: “Vida há só uma”, como diz o nosso povo, pois ela apenas uma vez “aconteceu” nos 5 mil milhões de anos deste planeta; por isso mesmo, somos todos – homens, bactérias, eucaliptos e crocodilos, da mesma natureza, produtos do mesmíssimo processo evolutivo. E se hoje somos “os donos do mundo”, se hoje somos os “reis da natureza” de que dispomos a nosso bel-prazer, é por poder e não por direito, é pelo poder que nos dá esse

tumor evolutivo que tanto cresceu na nossa cabeça. É aqui, neste “**humanismo não antropocêntrico**”, desculpem-me o oxímoro, que melhor encontro a verdadeira raiz do respeito pelo “ambiente” e pela “biodiversidade” que, sem essa compreensão profunda do processo, não passa de uma moda esverdeada e bucólica, cujos temores e frequente catastrofismo revelam o seu inconfessado antropocentrismo e a sua preocupação com uma certa ideia do conforto.

Na Biologia, também aprendemos que não há dois seres vivos exatamente iguais, e que essa incomparável diversidade resulta em complementaridades e cooperação: um valor maior da diversidade não finalista deriva da inexorabilidade da emergência de complementaridades entre indivíduos, populações e sistemas diversos. Ora, as complementaridades são o substrato da cooperatividade entre diferentes, processo em que todos ganham, caminho para formas mais complexas e, portanto, mais interessantes, de vida, caminho alternativo à pobreza da competitividade entre iguais – pobre gestão de carências que nunca gerou nada de novo. Como Maynard-Smith tantas vezes nos lembrava, todas as grandes transições evolutivas, autênticos saltos na qualidade e no “interesse” da Vida, foram de natureza cooperativa, acréscimos de complexidade organizativa, derivada da integração e interdependência das diferenças. A Vida é uma flecha no tempo que irreversivelmente avança para formas cada vez mais interessantes, porque mais complexas. Não será isso progresso, razão de um irredutível otimismo? A extraordinária beleza da irreversibilidade do processo evolutivo só é comparável a essa inexorabilidade da progressiva complexificação organizativa, geradora de dinâmicas que se enriquecem de tantas bifurcações possíveis. Enorme riqueza da história da Vida neste planeta é esta de não haver nem “blue print” nem arquiteto, tão bem resumida no verso de Antonio Machado “caminante, no hay camino, se hace camino al andar”.

## *Evolução e Educação*

Eu gostaria de dizer alguma coisa sobre educação. Permitam-me uns minutos para introduzir o assunto, de novo pela via da evolução, mas agora do cérebro humano e das “formas mais interessantes de viver” que são geradas por meio das complementaridades entre diferentes; nesse caso, entre milhares de milhões de cérebros, humanos e únicos.

O cérebro tem uma história de uns 500 milhões de anos e a sua evolução culmina com o órgão humano que representa um autêntico “tumor evolutivo”. O cérebro humano cresceu tanto que o processo evolutivo teve de “inventar” novas maneiras de produzir ossos para protegê-lo e vasos sanguíneos para irrigá-lo, muito distintas dos mecanismos embriológicos habituais para produzir ossos e vasos. Tumor, também, porque é potencialmente capaz de destruir o “organismo” em que se gerou, ou seja, a diversidade biológica e social no planeta.

O cérebro apareceu no período mais extraordinário da Vida na Terra, aquele designado por “explosão” ou “radiação” Câmbrica, iniciada há uns 550 milhões de anos: nos 70-80 milhões de anos que se seguiram, a taxa de evolução foi cerca de 10 vezes superior à habitual e deu origem a todos os “planos de corpo” que conhecemos. No fim desse período, apareceram os primeiros vertebrados, diferentes não apenas por fazerem ossos, mas também por fazerem evoluir sistemas centralizados de coordenação e regulação. Para o que nos interessa aqui, por evoluírem um cérebro, que cresceu para a frente na extremidade anterior do corpo: como dizia um dos grandes embriologistas do nosso tempo, “os vertebrados são anfioxos com face e cabeça”, muito por culpa da emergência evolutiva da crista neural. Ou seja, desde há uns 450 milhões de anos, o cérebro dos vertebrados “foi crescendo”, mas de forma muitíssimo lenta, como quase tudo o resto. Até que, há uns 2 milhões de anos, num primata africano, o cérebro que viria a ser humano se pôs a crescer de forma verdadeiramente vertiginosa, a uma taxa de quase duas colheres de sopa por cada 100.000 anos, como diz Edward Wilson; no curtíssimo período de pouco mais de 1 milhão e meio de anos, o cérebro quase triplicou o tamanho que lhe tinha levado 450 milhões de anos a atingir. Mais intrigante ainda, todavia, o cérebro parou de crescer há cerca de uns 200.000 anos, e o nosso cérebro não é maior que o dos primeiríssimos *Homo sapiens*.

Há hoje muitas teorias e anedotas sobre o assunto. Há, por exemplo, uma correlação muito boa entre o tamanho do cérebro em muitas espécies e o número de “repetições” de um bloco de ácidos-aminados numa proteína do fuso acromático, que é essencial para a divisão celular; uma hipótese propõe que o número daquelas “repetições” tem a ver com o número de divisões dos neurônios (e, portanto, com o seu número final), mas que a estrutura da proteína é (termodinamicamente) incompatível com mais “repetições”, de tal modo que o cérebro não podia crescer mais. Todavia, é bem sabido que o cérebro dos Neardenthal, pelo menos nos adultos, já que os recém-nascidos

parecem ter tido um cérebro do tamanho dos nossos, era cerca de 15-20% maior que o nosso. Ou seja, o cérebro não só podia ter crescido mais, mas de fato assim o fez; a questão passa a ser, por que um cérebro maior deixou de ter vantagem adaptativa. Meio a brincar, há quem diga que o cérebro demasiado grande dos Neandertal, lhes “deu” para a tristeza e há quem defenda também que os “genes da tristeza” que hoje possuímos são o que nos ficou desses antepassados, pelo menos onde eles se cruzaram abundantemente com Cro-Magnons, como foi o caso em Portugal. Em privado, Susumu Ohno lembrava por vezes que os indivíduos que perdem uma massa considerável de neurônios corticais por hipertensão intracraniana, sistematicamente registam valores de QI superiores à média; para sugerir que o cérebro cresceu (houve vantagens adaptativas no seu crescimento) até a emergência da linguagem, mas que número de neurônios necessários é tão grande que deixamos de pensar claramente, ou seja, o preço que pagamos para poder falar é enorme: falar, falamos, mas ficamos sistematicamente confusos. De resto, esta minha fala é um bom exemplo do que acabo de dizer.

Sejam quais forem as razões por que o cérebro parou de crescer, não há qualquer dúvida de que um cérebro maior trouxe ganhos importantes em termos de “fitness” adaptativa e capacidade reprodutiva; por isso mesmo cresceu tanto e tão rapidamente. Por exemplo, os primatas que nos são mais próximos (chimpanzés, bonobos, gorilas e orangotangos) eram bem mais numerosos que o *Homo sapiens*, mas hoje nós somos 100.000 vezes mais numerosos: 7 mil milhões de homens, para pouco mais de 60.000 dos nossos primos mais chegados. Para o meu argumento, importa apenas que, desde há uns 200.000 anos, o cérebro não cresce no *Homo sapiens*. Evolução certamente aconteceu (se a “fixação” de variantes genéticas nas populações leva cerca de 1.000 gerações, como recentemente determinado em “evolução experimental”, tal corresponde, em humanos, a “apenas” uns 20.000 anos), mas não no tamanho do cérebro. Ou seja, as grandes transições “culturais” da história humana fizeram-se sem qualquer substrato evolutivo no que diz respeito ao tamanho do cérebro. Por vezes lemos que, com este cérebro, tudo era de esperar: com linguagem e fala, com gramática e “theory of mind”, era só esperar que os Fenícios inventassem o alfabeto, e os Indianos, o zero, para inexoravelmente aparecerem Alan Turing, Steve Jobs, os Macs e os iPhones. Ora, não é bem assim, porque essas transições são muito nítidas e profundas, qualitativamente distintas na sua natureza, pontuando milênios de aparente silêncio. Permitam-me que saliente umas poucas dessas transições “culturais”.



Há uns 30-40.000 anos, no período designado “grande salto em frente” (sem qualquer relação com a mesma designação escolhida pelo Chairman Mao para nomear um período da revolução comunista chinesa), os homens começaram a desenhar e pintar nas cavernas, e assim nos deixaram El Castillo, Alattamira e Lascaux. Diz-se que Picasso afirmava “tomáramos nós desenhar tão bem quanto eles”, e outros sugerem que neste mesmo período os homens inventaram o condicional como tempo verbal na linguagem. Mas por que há 40.000 anos e não antes ou depois? Há uns 10.000 anos, os homens inventaram a agricultura, que levou ao aumento e, assim, a gestão planificada de cultivos, alimentos e recursos, possibilitando o aumento de população e a sua concentração nas cidades, onde tudo o que é interessante aconteceu, por muito que hoje nos queixemos do trânsito. Ficou claro, recentemente, que os “agricultores” não ensinaram o que sabiam aos “caçadores-recoletores”, ou foram estes que não quiseram ou souberam aprender; aconteceu que os agricultores substituíram progressivamente os que nunca aprenderam, numa inequívoca demonstração das vantagens evolutivas (neste caso, de “evolução cultural”) de uma maior “fitness” reprodutiva. Um pouco como as formigas: das muitas espécies de formigas “sociais” que “inventaram a agricultura” não há notícia que alguma a tenha abandonado. Mas por que há 10.000 anos e não antes ou depois? Nos séculos do meio do primeiro milênio antes de Cristo, no período que Karl Jaspers chamou de “idade axial”, apareceram, de forma independente, mas simultânea, os primeiros clássicos da filosofia, da teologia, da literatura e da ciência, as grandes filosofias e religiões que, hoje ainda, são partilhadas por milhares de milhões de pessoas: Siddh rtha Gautama – o Buda – e Mahavir – o grande pensador do Jainismo – Confúcius, os textos Budistas e as escrituras dos primeiros profetas hebraicos, Sócrates, Platão e Aristóteles, Thales, de forma independente e autônoma. Mas por que todos, ao mesmo tempo, há uns 2.500 anos, e não antes ou depois?

Na minha impreparação, atrevo-me a propor como resposta uma imagem simplista e nada acadêmica. Sempre me interroguei sobre as razões por que os dois maiores poetas peninsulares do Século XX, Fernando Pessoa e Antônio Machado, ambos se puseram a escrever por “apócrifos” ou “heterônimos”, mais ou menos ao mesmo tempo, a umas escassas centenas de quilômetros um do outro, mas sem se conhecerem, sem nunca se terem lido, sem sequer saberem que o outro existia. Haverá provavelmente uma plétora de estudos eruditos sobre o assunto, que eu infelizmente ignoro. A mim,

parece-me que, pelo menos naquela parte do mundo, o “tempo estava maduro” para tal acontecer entre os espíritos mais brilhantes. O mesmo diria sobre as grandes “transições culturais” de que falávamos anteriormente: aconteceram quando aconteceram porque o tempo estava maduro para isso mesmo.

A pergunta que não me sai da cabeça toca precisamente na mesma tecla: será que “o nosso tempo está maduro” para alguma coisa do mesmo tipo, para alguma transição dessa enorme grandeza, com um significado cultural e civilizacional equivalente? Numa das suas últimas conferências, Maynard-Smith dizia da sua convicção de que as tecnologias modernas de produção, armazenamento e transmissão de informação teriam, para a nossa espécie, um impacto ainda maior que a emergência da linguagem que nos fez humanos, o “verbo” judaico-cristão, o “som” indiano, como Susumu Ohno sempre insistia.

Ora, só podemos constatar que nunca até hoje, tantos de nós humanos tiveram acesso a tanta informação; que nunca até hoje, tantos cérebros estiveram nas condições necessárias e suficientes de cooperatividade; que, em toda a história da humanidade, nunca fora possível, mas hoje já o é, que as complementaridades entre as nossas diferenças possam emergir e levar, muito naturalmente, a outras formas, novas e mais interessantes de viver em comum.

“Grandes transições”, sejam elas na evolução biológica ou cultural, são eventos extraordinários e muito raros; dita excepcional a de todos nós, a confirmar-se que estamos a viver em tal período. As diferenças qualitativas serão enormes, inimagináveis; por exemplo, como foi a transição da Vida entre procariotas e organismos multicelulares, substrato de quase toda a maravilha da diversidade dos seres vivos.

Otimista inveterado que sou, não tenho dúvidas de que muito e muito de bom temos a esperar de tudo isso. Sem esquecer, todavia, duas coisas: desde logo, que essa grande riqueza, o acesso a toda essa informação, ainda não está igualmente distribuída pelo mundo e que a humanidade continua a excluir muitos milhões de pessoas da sua contribuição para o nosso futuro comum, a meu ver, a maior de todas as discriminações; depois, não esqueçamos nunca que informação não é conhecimento e compreensão, mas uma condição, uma necessidade prévia. Sem informação não há conhecimento nem progresso, apenas “good hunches”, “palpites” ou “ideias espertas”; mas com informação apenas, sem o esforço de integrá-la na teoria, também não há mais nada, senão “smartphones”.

Grande volta para falar de educação, mas não o podemos fazer hoje sem notar que o essencial da educação, pelo menos nas instituições de ensino superior, deixou de ser a transmissão de informação: esta está disponível para todos a todo o momento, e mal vão as instituições que ainda não se deram conta disso. Em Coimbra, ainda chamamos “lentes” aos catedráticos, como o fazíamos antes da invenção de Johannes Gutenberg (os que leem dos raros livros que então existiam), mas já ninguém vai a aulas em que apenas se transmite informação, por acréscimo, a horas certas e em “pacotes” fixos de 50 minutos. As maneiras de ler, de ouvir música, de ver cinema, de saber das notícias, todas se alteraram profundamente: já não temos de nos juntar, à hora certa, a todos os outros que querem fazer a mesma coisa. Tudo mudou, particularmente no que diz respeito à informação, exceto, diria eu, a maneira de “dar aulas” e de “ir às aulas” em algumas Universidades. Mas também aqui as mudanças se perfilam: os MOOCs (“Massive Open Online Courses”) e respectivos graus universitários aí estão como prova, uma realidade que alguns reputam de “invasiva” e comercial, mas que nos obrigaram a reconhecer as suas vantagens, face ao sistema anterior; para alguns, os MOOCs seriam o equivalente a usar e-mail por oposição ao telefone fixo ou ao correio normal, que seriam a maneira dos cursos universitários clássicos. As “wicki-lectures” aí estão também para todos aqueles entre nós que pensam ter a fórmula ideal de ensinar seja o que for. Em suma, é minha convicção de que estamos num momento-charneira no que diz respeito à educação graduada nas universidades. Mas eu só vejo vantagens, particularmente uma: os Mestres podem voltar a ser o que em tempos foram (quando quase não havia “informação” a transmitir), mas deixaram de ser quando a “informação” se acumulou e não existia outra forma de transmiti-la aos alunos, senão “dá-la nas aulas”; os Mestres voltarão a ser, espero, aqueles que guiam e inspiram, que são exemplo, que ajudam os mais jovens a identificar as questões mais relevantes, que ali estão para cultivar a dúvida e a tolerância. E estou certo de que essa será apenas uma das manifestações de um processo muito mais abrangente e de muito maiores consequências na “sociedade da informação” que não deixará de evoluir, a termo, para a “sociedade do conhecimento”.

Falemos, então, de educação. Perante a magnífica pureza do processo evolutivo, totalmente isento de qualquer finalidade, os nossos desígnios – individuais e coletivos – fazem pobre figura. Todos menos um: a educação representa a única “saída para a frente”, a possibilidade, também ela magnífica, de contrariar o erro na conjectura de

Lamarck, de transmitir aos novos a experiência adquirida. Lamarckiana, portanto, na sua essência, dir-se-ia que a educação pouco tem a aprender da Biologia, a qual é inteiramente darwiniana. E que grandes são as diferenças: a evolução biológica, que se mede em milhares de milhões de anos, que não tem “objetivos” nem “planos”, que é inexorável; a educação, que se mede em décadas, que é resultado de um plano preciso, mas que não é, infelizmente, inexorável (como o testemunham os muitos milhões de crianças que ainda são deixadas fora dos sistemas educativos). Todavia, precisamente pelo que tem de voluntarismo civilizacional, mas também como processo “evolutivo”, na medida em que vamos educando cada vez mais e melhor, a educação é, parece-me, a mais nobre das atividades humanas, representando a única estratégia para nos “subtrairmos”, para “ultrapassarmos” a evolução biológica e as suas leis que, aos nossos olhos, parecem cegas e impiedosas. Se o livre arbítrio existe, a educação representa a sua vitória sobre o acaso das mutações.

Escolas definem-se não pelas teorias ou métodos que defendem, mas pelo espírito que encarnam, pelo rol das pessoas que respeitam, pelos valores e atitudes que praticam e promovem. Escolas são processos de transmissão desse espírito e atitudes, desse comprometimento no essencial que aprendemos uns dos outros e nos vai fortalecendo na ação: o comprometimento nas questões essenciais e na definição de quais são essas questões, atitude que se reforça no compromisso e na cumplicidade com todos os que partilham o projeto, mas também na generosidade da compreensão das razões de todos os outros.

Ora, se uma Escola se define pelo rol das pessoas que respeita, os seus membros “sabem uns dos outros” e aí encontram a maior retribuição. Grande é o meu orgulho e enorme a minha alegria por receber hoje esta honraria, por ser agora aceite na Vossa Escola, partilhando convosco os mesmos princípios, valores e atitudes. Bem hajam. Mas não posso deixar de pensar que a maior retribuição, o prêmio mais valioso é estar certo de que, agora, “sabemos uns dos outros”, é estar certo de que todos nós, quando olhamos para o céu estrelado, sabemos que nos correm nas veias pedaços de estrelas que já não existem; saber que, todos nós, quando olhamos para o céu azul, sabemos que o azul é só do infinito e que, se nos afirmarmos melhor, todos nós vislumbramos os traços da face ainda jovem de Giordano.